

...esteiro de Estarreja navegável?!...

Barcos moliceiros; mercantis e bateiras, demandavam o “porto” marítimo ou fluvial, caracterizando um modo de movimentação de mercadorias; que, constituíram factores de desenvolvimento da então Vila de Estarreja nos anos 50.

A imagem que tenho do esteiro de Estarreja e da actividade mercantil, faz-me recuar no tempo; e projectar no espaço em ecrã gigante, toda aquela a azáfama que então ali se viveu.

Este recuo no tempo está patente nas duas fotos gigantes, que estão bem expostas, no numa das paredes do Supermercado Couto, sito na antiga Rua da Vila da Cidade de Estarreja.

A grandiosidade do esteiro, está na razão directa da grandiosidade e tamanho daquelas fotos; bem como, do intrínseco significado das mesmas.

Penso que qualquer Estarrejense – tal como eu – embora há quem diga que sou de fora, o impacto que as fotos causam, a quem pela 1ª vez ali entra; é semelhante ao impacto, que o Esteiro causava quando a ele no deslocávamos.

As rotas servidas pelos barcos moliceiros e “mercanteis”, ou “mercantis” que então “aportavam” a Estarreja; sim porque o esteiro não era mais do que um porto comercial, à dimensão da economia regional daquela época.

O sal, oriundo das salinas de Aveiro; tanto quanto me recordo, era o produto mais movimentado naquela zona económica da Vila de Estarreja, a que não era estranha a mão-de-obra sazonal, ali empregada, para fazer face à movimentação das mercadorias.

Também produtos da ria, como o berbigão e algum tipo de pescado, tinham o seu mercado restrito assegurado; que o tempo, também fez desaparecer.

Uma prancha de madeira fazia a ligação física do Cais à embarcação, e o movimentar ritmado do pessoal da “estiva”, num corrupio incessante era pelo menos demonstrativo que o comércio via fluvial, estava vivo.

Mas os tempos mudaram, o transporte quer marítimo que fluvial, começa a ser ameaçado pelo desenvolvimento tecnológico do transporte rodoviário, e o Esteiro face à perda de fretes dos navios mercantis; vê ano para ano, diminuir o tráfego das mercadorias e das respectivas embarcações, a elas então afectas.

O Esteiro mantém algumas tradições de pesca, das quais me recordo da apanha da enguia com “minhoqueiro”; e, do “Ti Belarmino”, que quase fazia profissão desta actividade, sem fim lucrativos.

Recordo que Ti Belarmino sentado no seu banquito feito de tábuas de caixa de sabão; empunhando o "minhoqueiro", habilmente "cozido, na ponta de uma cana-da-Índia, cuja eficiência se media pelo número de enguias pescadas e colocadas no velho guarda-chuva aberto colocado ao contrário.

Hora após hora, as enguias eram colocadas numa de lata de folha – lata de café – prontas para irem para casa e serem amanhadas e cozinhadas.

As enguias constituíam um pitéu muito apreciado, nada têm a ver com as enguias da Murtosa; nada disso, não eram muito gradas, mas fritas e com o rabo na boca eram uma delícia.

A poluição da zona industrial vai aos poucos e poucos, atacar a fauna e flora do esteiro; os peixes morrem, mas enguias vão resistindo.

O medo apodera-se das pessoas que se alimentam da fauna marítima do Esteiro, pelo que o seu fim está à vista, quer como porto de movimentação de cargas, quer como meio de produção alimentar.

Os barcos moliceiros teimam na comercialização do moliço; mas, o progresso industrial ditaria também o fim desta actividade, pelo menos como produto de comercialização.

As zonas ribeirinhas sofrem com o desenvolvimento que se opera na região, e a construção naval artesanal em madeira tem também os seus dias contados.

A construção em madeira, que constituía também um recurso económico ribeiro; dá lugar, à construção das embarcações de fibra de vidro, mantendo-se a tradição da construção das bateiras do tipo "caçadeira".

O Esteiro está lá.

O Projecto Bioria olha para ele com saudade, avalia o que representou este braço da Ria de Aveiro para as populações ribeirinhas, ficando à espera de melhores dias; ou seja, que apareçam os financiamentos para que o mesmo seja limpo e reabilitado.

Eu acredito que as vontades das nossas gentes e os responsáveis pelo Município não se vão esquecer deste pedaço da nossa terra...

O Esteiro está no local onde outrora o comércio dava mostras de progresso.

Tem mantido alguma actividade comercial na área, que embora insuficiente, dada a sua difícil acessibilidade ao local – pelo encerramento da passagem de nível – pelo topo da estação de caminho de ferro, e pela degradação urbana associada.

À imagem do trabalho efectuado nos esteiros de Pardilhó e Salreu; também o esteiro de Estarreja, poderia ser um pólo a atracção e lazer para os Munícipes; e quem sabe, talvez fosse possível revitalizar o tráfego fluvial, interrompido com o avançar dos anos.

A Marinha de recreio podia ser vista dentro um modelo micro-económico; tal que, permitisse que a continuação da tradição ribeirinha do Concelho de Estarreja, em vez de acelerar o seu apagar das memórias.

Cheguei a ver por lá os técnicos a proceder a levantamentos, mas...

O Esteiro é um lugar encantador...

O Esteiro pode voltar a ser um lugar muito agradável...

Vamos trabalhar em prol da reclassificação do nosso Esteiro.